

## *Não contem com o fim do livro* de Umberto Eco; Jean-Claude Carrière

Rio de Janeiro: Record, 2010. 272p.

**Márcia Moreira Pereira**

Mestranda em Educação – Uninove.  
São Paulo, SP [Brasil]  
marcia.moreirapereira@gmail.com

Um livro deve ser o machado que quebra  
o mar gelado em nós.  
(Franz Kafka)

Há muito tempo se discute a chegada de uma nova era, a era digital, tecnológica, avançada: esta era chegou, e com ela diversas novidades apareceram, com seus prós e contras. Dentre as questões surgidas, há pelo menos uma bastante polêmica: o fim do livro impresso. Com o conhecido e já relativamente bastante utilizado *e-book* – livros eletrônicos – vemo-nos na eminência de não mais manejar o bom e velho livro de papel.

Essa questão reuniu dois grandes estudiosos do assunto, numa discussão inteligente e animada, no recém lançado *Não contem com o fim do livro*. Com efeito, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière trazem ao leitor um mundo de conhecimentos sobre aquilo que para eles representa a própria existência: o “livro”. Mediada pelo jornalista e ensaísta Jean-Philippe de Tonnac, a conversa revela-se extremamente interessante e cheia de surpresas: de um lado Umberto Eco, escritor, filósofo, doutor *honoris causa* em diversas universidades do mundo, autor

de vários romances, dentre eles o aclamado *O nome da Rosa*, sucesso de vendas e traduzido para mais de 40 idiomas; de outro lado Jean-Claude Carrière, renomado roteirista, escritor, ator, diretor, tendo assinado roteiros de produções cinematográficas célebres, como *Belle de Jour*, entre outras, além de inveterado bibliófilo.

A história e a memória do livro são arduamente defendidas pelos dois intelectuais, sendo que a sua invenção chega a ser comparada à invenção da roda: uma vez inventados, não há mais como reinventá-los, apenas aperfeiçoá-los. Na questão dos livros eletrônicos, Umberto Eco pergunta: “o livro irá desaparecer em virtude do surgimento da internet?” (p. 23). E é ele mesmo que responde: “para ler, é preciso um suporte. Esse suporte não pode ser apenas um computador” (p. 23). E ainda insiste: “Logo, se devo salvar alguma coisa que seja facilmente transportável e que deu provas de sua capacidade de resistir às vicissitudes do tempo, escolho o livro.” (p. 30).

A conversa entre Eco e Carrière passa por todos os caminhos e percalços sofridos por suas histórias de amor com o livro... e os declarados amantes

---

desse objeto questionam até mesmo a possibilidade de nossa memória chegar a ser uma prótese, chegando à conclusão: “[...] depois de aprendermos tudo natural ou artificialmente nos restará o ato de aprender a aprender” (p. 51). Hoje, com o poder da informação em nossas mãos, através de nossos computadores, devemos – em nossas pesquisas – saber filtrar cada informação, cada resultado obtido da internet, exercitando assim nosso senso crítico. Essa questão levantada na conversa levou Umberto Eco a refletir a respeito da tecnologia, lamentando, em determinado momento, ter salvado um de seus conhecidos romances num disquete e tê-lo perdido. Assim, afirma: “[...] se eu tivesse batido meu romance à máquina ele ainda estaria aqui” (p. 59).

Ainda nessa questão, Carrière defende que “[...] o que a internet nos fornece é na realidade uma informação bruta, sem nenhum discernimento, sem controle das fontes nem hierarquização” (p. 74). Argumento, aliás, bem fundamentado, já que se antigamente fazíamos nossas pesquisas diretamente do livro, hoje nos deparamos com a possibilidade de sermos enganados com tanta informação que nos é apresentada na internet. Isso requer certo cuidado do pesquisador, lembra o autor, mais uma vez clamando pela salvação do livro.

Na perspectiva defendida pelos debatedores, o livro não é apenas o “objeto livro”, mas algo que, ao contrário, apresenta diversas dimensões, sendo que cada leitura e cada leitor o modifica: seja ele curto

ou extenso, conhecido ou não, o livro veio, foi perseguido, queimado, censurado, mas permaneceu. O livro de papel, aquele que começou com os grandes e pesados pergaminhos é hoje, graças a grandes escritores, motivo para viagens, leilões e até por horas e horas dentro de uma livraria. Durante toda conversa, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière falam do que foi e do que é o livro. Discutem o papel da leitura e até a importância dos livros que não lemos! Um livro nos serve não apenas como um objeto de leitura, mas é também um objeto de conhecimento e até um grande companheiro, por meio do qual podemos dividir nossos desejos e anseios. E os autores vão além, afirmam, ainda, que uma biblioteca é também um grupo de indivíduos, de amigos, que nos fazem companhia, e nos protegem da ignorância.

O livro trouxe e sempre trará o saber, assim ocorreu com aqueles que foram censurados e queimados exatamente porque traziam conhecimento, e, como sabemos, conhecimento é poder. Assim, como cada um de nós tem nossas experiências e nossas histórias, o livro, também, tem sua trajetória, o que é superiormente discutido pelos dois pensadores nessa obra. E vale, aqui, ainda a ressalva de Carrière: “[...] você nunca sentirá frio no seio de sua biblioteca. Ei-lo protegido, em todo caso, contra os perigos gelados da ignorância.” (p. 88).

Pelo diálogo erudito e cheio de humor, vale a pena ler *Não contem com o fim do livro...* e, é claro, em prol da sua sobrevivência!